

# VARIEDADE LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS: UM ESTUDO NO CONTEXTO DA FAZENDA COCO

## LANGUAGE VARIETY OF THE KALUNGA COMMUNITY GOES FROM SOULS: A STUDY IN THE COCO FARM CONTEXT

**Genildo Fernandes GONÇALVES (LEdoC/FUP/UnB)<sup>1</sup>,  
Rosineide Magalhães de SOUSA (FUP/PPGL/UnB)<sup>2</sup>,  
Severina Alves de ALMEIDA Sissi (FACIT/UFT)<sup>3</sup>,  
Francisco Edviges Albuquerque(UFT)<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Professor no Colégio Estadual Calunga I. Possui graduação em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (2015). E-mail: [genildocvc@gmail.com](mailto:genildocvc@gmail.com).

<sup>2</sup> Orientadora da Pesquisa. Professora Adjunta da Universidade de Brasília - UnB, lotada no campus de Planaltina - DF, atuando no Curso: Licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagem: Linguística. Está credenciada no Programa de Pós-Graduação de Linguística - PPGL/UnB. Foi coordenadora institucional do PIBID Diversidade - UnB/CAPES, de 14 a 2018. É Pesquisadora do Observatório da Educação do Campo, da CAPES. É líder do grupo de pesquisa Sociolinguística, Letramentos Múltiplos e Educação (SOLEDUC), certificado pelo CNPq. É Licenciada em Letras pela Universidade Católica de Brasília (1997), mestre (2001), doutora (2006) em Linguística (Sociolinguística) pela Universidade de Brasília. Pós-doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (2019). Atualmente, coordena a Área de Educação e Linguagem da Faculdade UnB Planaltina. E-mail: [rosimaga@uol.com.br](mailto:rosimaga@uol.com.br).

<sup>3</sup> Orientadora da Pesquisa. Professora Titular da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT atuando nos cursos de Graduação: Bacharelado em Odontologia, Bacharelado em Direito, Bacharelado em Medicina Veterinária, Bacharelado em Administração de Empresas, Tecnológico em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Tecnológico em Radiologia. Pós-doutoranda na Universidade Federal do Tocantins UFT. Doutora em Linguística (Sociologia da Linguagem) com ênfase em Linguagem e Sociedade, Interação Sociocultural e Letramento UnB (2015). Possui Mestrado em Ensino e Formação de Professores de Língua e de Literatura, Linguagem, Educação e Diversidade Cultural pela Fundação Universidade Federal do Tocantins UFT (2011). É graduada em Pedagogia pela UFT (2009). Atuou como Professora Tutora no Curso de Biologia a Distância EaD da Universidade Aberta do Brasil (Universidade Federal do Tocantins) (2011-2014); Atuou Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC - FUP - Faculdade da UnB de Planaltina (2014-2016). E-mail: [sissi@faculdedefacit.edu.br](mailto:sissi@faculdedefacit.edu.br).

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins – UFT. Professor Associado nível 2 da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, da Universidade Federal do Tocantins - UFT, atuando nos cursos de Doutorado e Mestrado. Professor do Curso de Mestrado Profissional em Letras -PROFLETRAS/UFT - Campus de Araguaína. [fedviges@mail.uft.edu.br](mailto:fedviges@mail.uft.edu.br)

**RESUMO:** Este trabalho, de cunho etnográfico, está fundamentado nos conceitos da Sociolinguística de Bagno (2007), Vellasco e Sousa (2007) e Bortoni-Ricardo (2008). Visa a analisar a variedade linguística dos jovens e adultos da comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco, estado de Goiás. Busca, também, divulgar que esse modo diferente das pessoas pronunciarem as palavras, é uma linguagem diferenciada e, não obstante, não é considerada pela Sociolinguística, como uma fala “errada”. É um fenômeno linguístico, que ocorre nas falas dos habitantes da comunidade,

e configure-se como uma característica que enriquece a cultura e a identidade quilombola. Isso porque temos uma língua dita “padrão” a ser seguida e, sendo assim, não podemos usar a mesma língua que usamos em nossas falas, isto é, a linguagem oral, como, por exemplo, quando escrevemos uma carta, mas também não precisamos desvalorizar nosso modo diferente de nos comunicar. Esta pesquisa traz como contribuição o registro sociolinguístico da Fazenda Coco e o conhecimento teórico e prático para a produção de material didático para as Escolas Kalungas.

**Palavras chave:** Sociolinguística. Comunidade Kalunga Vão de Almas. Variedade linguística. Linguagem.

**ABSTRACT:** This work, ethnographic, is based on the concepts of sociolinguistics Bagno (2007), Vellasco and Sousa (2007) and Bortoni-Ricardo (2008). Aims to analyze the linguistic variety of young people and adults in the Kalunga community of Souls Go, Coco Farm. Also seeks to disseminate this different way people pronounce the words, it's a different language, and yet it is not considered by sociolinguistics, as a speech “wrong.” This linguistic phenomenon, which occurs in the statements of the community members, is a feature that enriches our culture and our identity. That's because we have a so-called language “standard” to be followed and, therefore, cannot use the same language we use in our lines, that is, oral language, for example, when we write a letter, but we do not need devalue our different way of communicating. This research brings as contribution the sociolinguistic record of Coco Farm and the theoretical and practical knowledge for the production of educational materials to schools Kalungas.

**Keywords:** Sociolinguistic. Kalunga community. Linguistic variety. Language

---

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada investigou e analisou as variações linguísticas de pessoas quilombolas da Fazenda Coco, integradas à Comunidade Kalunga Vão de Almas, localizada município de Cavalcante estado de Goiás, Brasil. Os moradores da comunidade Kalunga Vão de Almas enfrentam em suas relações sociais um forte preconceito linguístico. Por ser uma comunidade de difícil acesso, ela não tem escola com Ensino Médio. Assim, os jovens são obrigados a deixar a comunidade para concluir os estudos nas escolas da cidade. Ao chegarem às escolas

urbanas, eles são identificados como caipiras ou roceiros. Tudo isso porque falam diferente dos outros estudantes.

A pesquisa, de teor qualitativo e etnográfico fundamentada-se em Almeida, et. all, (2017); Miranda e Silva, 2019); Sousa (2006;Creswell (2007); e Bortoni-Ricardo (2008). dentre outros autores. Para geração de dados, recorreremos à entrevistas gravadas e ao registro de falas espontâneas. As entrevistas foram realizadas na comunidade e na escola da Fazenda Coco por um pesquisador nativo, ou seja, um professor da escola dessa comunidade, e também, à época, estudante da Licenciatura em Educação do

Campo, da Universidade de Brasília<sup>5</sup>.

Colaboraram com a pesquisa estudantes na faixa etária entre dez e quinze anos de idade, matriculados do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Coco, e também moradores da Fazenda Coco da Comunidade Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante - Goiás, onde moram e produzem o seu próprio sustento, com plantações de roças. Lá ninguém tem um emprego fixo, todos trabalham para si mesmo ou fazem diárias na propriedades vizinhas. A única ajuda que eles recebem vem de programas sociais do governo, como o Bolsa Família e aposentadoria dos idosos, o que se constitui como renda mensal das famílias e sustento de seus filhos e, muitas vezes, de seus netos.

A Fazenda Coco é uma comunidade formada por quinze famílias, a maioria analfabeta e sem domínio da Língua Portuguesa “padrão” em suas interações. Os entrevistados são pessoas de idades e graus de escolaridade diferentes. Devido aos pais não serem alfabetizados, os jovens não se importam muito em terminar os estudos. Por causa das dificuldades, envolvendo condições financeiras, os pais tiram os meninos da escola para ajudar com as plantações das roças, além do fato de a escola ser longe para os alunos irem a pé todos os dias. Isso provoca cansaço nos estudantes, que acabam desistindo de estudar.

Muitos deles estudam até os quinze ou dezesseis anos e param para procurar serviço e conquistar seu próprio dinheiro. Até hoje, na comunidade, apenas uma jovem conseguiu concluir o Ensino Médio e um jovem a Graduação.

Com isso, a língua materna dessas

pessoas não sofre nenhum tipo de mudança ou interferência escolar, porque os adultos não estudaram para conhecer o português padrão e os jovens estudaram, mas não o suficiente para conhecerem a língua da escola, a “norma padrão”, e falam do mesmo jeito que aprenderam com seus pais, desde os primeiros anos de vida, com todas as marcas da oralidade.

A comunidade Kalunga Vão de Almas está localizada a 80km da cidade de Cavalcante, GO. Nessa comunidade Kalunga não há energia elétrica, água encanada e nem rede telefônica. É uma comunidade de difícil acesso, cercada por grandes montanhas e traçada por rios que necessitam de pontes para circular por seu interior no período das chuvas.

A Fazenda Coco está integrada à comunidade Kalunga Vão de Almas, e passa pelas mesmas dificuldades de acesso à cidade, de modo que é preciso andar a cavalo até chegar ao ponto onde se pode pegar um carro.

Diante do exposto, esse artigo, resultado de uma pesquisa de cunho etnográfico, mostra um contexto onde uma variedade do Português Brasileiro é identificada, por meio de um pesquisador nativo de uma comunidade quilombola.

## 2. PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

A Sociolinguística estuda um conjunto de línguas e variedades linguísticas, que existem na sociedade, isto é, a relação entre língua e sociedade. A sociolinguística por ser uma macroárea apresenta um vasto repertório teórico que pode fundamentar um campo vasto de

---

<sup>5</sup> Genildo Fernandes Gonçalves.

pesquisas. Contudo, neste artigo, valemo-nos de alguns pressupostos teóricos dessa vertente que subsidiam o tema aqui em análise.

Para Bagno (2007), um conceito importante na sociolinguística é o da variedade linguística. Sabemos que ela ocorre sob influência de alguns fatores sociais, tais como interação entre uma comunidade, estado, cidade, sexo, idade, classe social e grau de escolarização, usando modos diferentes para falar a mesma língua.

A comunidade Kalunga Vão de Almas tem uma variedade, um modo de falar diferente das demais comunidades Kalungas. No caso da Fazenda Coco, não é grande a diferença no modo de falar de um jovem de quinze a dezessete anos em comparação a de um adulto de vinte e cinco a trinta anos, pois eles não frequentaram a escola. Isto é, o modo de falar desses dois grupos não muda muito, mas, se formos comparar esses jovens não estudados com um jovem estudado a diferença linguística será evidente, visto que um passou pelo letramento escolarizado, enquanto o outro passou muito pouco, ou não passou, por esse letramento. Esse modo diferente de falar forma o conceito sociolinguístico de variedade linguística.

Partindo da noção de heterogeneidade, característica da sociolinguística, toda língua é um feixe de variedades linguísticas (BAGNO, 2007). As variedades linguísticas podem ser classificadas em tipos, são eles: dialeto, socioleto, cronoletto, idioleto, cada tipo tem uma característica e sua finalidade dentro da sociolinguística.

Os quilombolas de diferentes comunidades têm um modo de falar quase idênticos, por conviverem na mesma comunidade. Aprendem uma língua que 90% das pessoas falam, uma variação da língua portuguesa (língua maternal),

enquanto os outros 10% usam uma fala mais monitorada, que se aproxima da língua portuguesa padrão, que se apresenta mesmo como uma segunda língua. Por mais que a escola tente mudar essa realidade, o tempo de convivência com a língua materna é maior do que o tempo em que os alunos ficam na escola estudando a norma culta do português brasileiro. Dessa forma, as pessoas quilombolas têm as mesmas culturas, o mesmo padrão de vida, o mesmo status social. Ninguém é mais rico e nem mais pobre do que o outro, todos vivem das plantações das roças.

Ademais, por experiências vividas, em conversas com idosos, foi possível perceber que mesmo nos tempo de hoje, por ser uma comunidade isolada, e esses idosos terem pouco contato com a cidade, as variedades linguísticas nas suas falas ainda existem, por nunca terem frequentado uma escola. Assim, o linguajar mais antigo ainda prevalece, não constantemente em suas falas, mas, entre uma conversa e outra, surgem pronúncias e léxico com seus significados que registram uma variedade quilombola que está na memórias das pessoas mais vividas.

Segundo Vellasco e Sousa (2007), o pleno domínio da língua materna possibilita ao sujeito a participação na sociedade, contudo, dependendo da variedade linguística não ser de prestígio, a pessoa sofre preconceito linguístico. É isso que se vem percebendo com estudantes Kalungas na escola da cidade.

Com efeito, a língua é um instrumento que possibilita aos indivíduos se comunicarem, expressando suas ideias. Se formos pensar na língua, chegaremos à conclusão de que sem a língua o mundo teria outros rumos, seria um mundo mudo, sem voz, sem comunicação, sem ideias inovadoras. Ao relacionarmos língua à

sociedade e à cultura, temos por resultado uma identidade caracterizada por conta da língua, a identidade de um povo que é notada no modo da fala e na sua cultura. Conforme Vellasco e Sousa (2007), a linguagem e a sociedade estão em um processo dialético constante, porque o sujeito está inserido na sociedade, cuja linguagem é o instrumento de construção do conhecimento desse sujeito social. O que parte do pensamento de Hymes (1972) que o linguístico é social e o social é linguístico.

A variação linguística é apresentada em níveis. O nível fonológico, por exemplo, o “r” caipira; o “s” chiado dos cariocas, e dos goianos quilombolas. Essa diferença que existe nas falas de pessoas de diferentes localidades faz parte do nível fonológico da variação linguística. O nível morfossintático, muitas vezes, por analogia, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares. No caso da Fazenda Coco, as pessoas têm o hábito de não falarem os verbos dentro da norma padrão, e a variação linguística acontece nos verbos. Por exemplo, *comeissa* ao invés de começar, *trabaia* invés de trabalhar, *gonhá* invés de ganhar. No nível lexical, algumas palavras são empregadas em um sentido específico, de acordo com a localidade. Exemplos: nas gírias *mina* que significa garota, menina, na linguagem caipira *trem ajeitado*, significa boniteza, beleza. No caso da Fazenda Coco, *infuluido* significa estar afim de alguma coisa. São algumas das variações vocabulares que ocorrem no Brasil.

A diversidade linguística, que cada pessoa traz em suas falas, é característica da região onde nasceu, do meio em que convive, da profissão que exerce, da sua faixa etária, do grau de escolaridade entre outros fatores. A variedade linguística é

muito importante como tema de pesquisa para as comunidades quilombolas, porque desperta um olhar voltado para as variações linguísticas da comunidade, fortalecendo o jeito de falar e a identidade de povos que mantêm uma cultura específica.

Ao abordar esse tema variação linguística não dá para falar apenas da comunidade Kalunga Vão de Almas como vítima do preconceito linguístico, mas isso abrange todas as comunidades Kalungas, em todo o meio rural, que, muitas vezes, é julgado e identificado como pessoas que não sabem falar certo. Contudo, na visão da sociolinguística, podemos identificar as variedades linguísticas do Brasil. Elas nos fazem refletir sobre as diversas culturas que fazem parte da formação do território brasileiro, que envolve a imigração de diferentes etnias: africanas, europeias, asiáticas entre outras, que contribuíram para a formação linguística brasileira. Além disso, ressaltamos que antes de explorada, a terra nomeada definitivamente de Brasil, pelos invasores portugueses, foi chamada antes de Ilha de Vera Cruz, Terra dos Papagaios, Terra de Santa Cruz, em referência à árvore pau-brasil que cobria as nossas florestas com muita abundância e, hoje, praticamente extinta, só é encontrada em museus botânicos.

Por meio da observação realizada por um pesquisador nativo, temos relatos de cenas humilhantes para as pessoas quilombolas ou ruralizadas, pois pessoas de outros lugares falavam uma palavra fora da norma padrão, e seus pares as criticaram, dizendo que elas estavam parecendo Kalunga, que na língua dos preconceituosos é chamada “Kalungueiro”. E continuam assim: se viu falar diferente, é negro e é chamado de roceiros pessoas das zonas rurais.

No Brasil, as pessoas têm que se adaptar sempre às mudanças e seguir uma norma padrão, efetivada por pessoas brancas e de poder na sociedade. Os negros e pobres, com uma marca dada pelos brancos há muitos anos, não adquiriram traços suficientes para se encaixarem nessa norma e serem vistos no Brasil como uma nação, sem divisão por cor, raça, classe ou língua. Quem não conhece nada sobre variação linguística sempre vai relacionar a linguagem com a cor, com a raça e com a classe social. Até nos dias de hoje, o negro e pobre que não falar conforme a norma padrão sofre humilhação, preconceito físico ou psicológico, pois foi assim desde o período da escravidão, e essa foi a marca dada aos negros e pobres.

Ao parar para pensar, vamos chegar a uma conclusão de que todas essas leis e ideias de língua “certa” e “errada”, de divisão entre o negro e o branco, de divisão de classes, do preconceito por cor ou raça, de que negros não falam certo, de que mulher, principalmente, negra, o lugar dela e na cozinha, cuidando de casa, enquanto os patrões saem e, lá fora, quando eles chegam precisam encontrar tudo feito, a mesa posta etc. Tudo isso são formas de preconceito. Enfim, são inúmeras ideologias em relação ao lugar, à posição, e ao linguajar do negro pobre. Todo esse conjunto de opiniões frustrantes deve ser combatido. Por outro lado, há quem pense como ser humano e defenda uma sociedade igualitária com o espaço para as variações linguísticas.

Ao analisar a gramática tradicional, verificamos que as línguas faladas são distanciadas da norma dita “padrão”. Leitores e escritores têm que se distanciar das línguas faladas para produzir um texto. Por isso, todo estudante tem o direito de saber que no Brasil há duas formas

de se comunicar, a primeira é por meio da língua falada e a segunda por meio da escrita, mas com a diversidade de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003), da oralidade, da escrita e da multimodalidade. E também sabemos que há variação na língua escrita, dependendo de sua finalidade de uso. As variações linguísticas vêm sofrendo com os preconceitos da sociedade há tempo, e é sabido que desde quando os primeiros gramáticos criaram a ideia de que somente os homens bem sucedidos na sociedade letrada sabiam falar certo e bonito, os demais: mulheres, pobres, negros, eram consideradas pessoas de uma maneira feia de falar.

Vale lembrar que por mais que a gramática tradicional não aceite o modo das pessoas falarem diferente, fora da norma padrão, a sociolinguística insiste em defender aquilo que a gramática chama de feio e errado que é a variação linguística. Essa tese é defendida por Bagno (2007), no livro *nada na língua é por acaso*. O erro na língua, como é chamado pela gramática e pelos letrados, tem sua própria história. Alguns escritores das décadas anteriores, antes da reformulação da língua portuguesa, cometiam, segundo a gramática atual, os mesmos erros. Modos diferentes de falar, às vezes a troca do L pelo R tem sua história linguística. Portanto, não eram apenas pobres e analfabetos que falavam e escreviam errado.

O problema é que, em pleno século XXI, as pessoas, em vez de mudarem o jeito de pensar a respeito da variação linguística, aumentam e alimentam a ideia de quem fala errado são pessoas de determinados grupos sociais, como negros pobres, mulheres e homens da periferia das cidades etc.

Se formos pensar na variação linguística

e sociedade, é possível relacionar variação com avaliação linguística, porque sempre que em algum debate, em qualquer lugar que seja, se um negro ou pessoas de trajes simples pedirem a palavra, todos os olhares são voltados para o palestrante, na intuição de ele não saber falar “corretamente”. Isso é notado na universidade, nas salas de aula, quando colegas negros, da zona rural, que têm um linguajar diferente, com dificuldade de diálogo, vão participar de uma palestra de um determinado assunto, é possível notar que os demais colegas, de linguajar mais monitorado, dão pouca importância na fala do colega. Tudo isso porque a sociedade nos ensinou que quem sabe falar bonito são pessoas de um determinado grupo.

Contudo, muitas vezes, é a prática de falar em público que alguns têm, e outros não. Tanto é que por vezes pessoas, quando são convidadas para compor uma mesa de palestrantes, escrevem sua fala, corrigindo os erros que poderiam acontecer na sua fala, para que possam falar bonito. Os falantes de linguajar diferente são obrigados a deixar de lado a sua variedade linguística.

Por outro lado, a competência comunicativa (HYMES, 1972) nos conduz à reflexão de que as pessoas, de porte, de conhecimento linguístico e do letramento escolar proficiente, compreenderá que a língua é heterogênea, que há a variedade linguística, que as pessoas sabem falar sua língua materna, que há diferentes gêneros discursivos da oralidade e da escrita, em que a língua se aplica com sua variedade conforme a situação de uso e o grau de monitoramento.

### 3. A VARIEDADE LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA FAZENDA COCO

Nesta parte, analisamos a fala espontânea de pessoas que nasceram e vivem na Fazenda Coco, com o objetivo de registrar identidade a variedade linguística dessa comunidade, tendo em vista a história das pessoas quilombolas que lá vivem, mantendo sua identidade linguística. Nesta análise, vamos tratar a categoria fonético-fonológica, a que evidencia mais a variedade linguística da Fazenda Coco, considerando os usos mais frequentes de variações linguísticas de pessoas da Fazenda Coco, para isso, utilizamos excertos completos de fala das pessoas.

#### EXCERTO 1: FALA DE CRIANÇA E DE JOVENS

*Professor:* ieu vō cumeissa.ta demorandu vō cumeissa. cumeissei ta iscutanu não. chovê sô cadernu ai pra que pra mim vê cumo ocê feis.ua ocê ta srego ta cu zoi grelado e num ta inxeiganu.oça meu desenhū hum hum o larizão do homu.

Oio ficô bunito a laronja cocê feis...vô aponta u lapu.ua a ponta inda num aponto não...o professor cume que lê esse nome aqui. hum hum num do conta não...oia a oreia num e orea não é mão...vô prega meu desenhū bem aqui...não num oia não...mõe foi La no rii ontu e so volto dinoitchaõ. ieu já tava druminu...

Condu ieu termina us istudo aqui ieu vō la pra goiana vō estuda La aqui é muitchu ruim...professor ocê vai

viaja qui dia... hum hum assim e ruim  
amonhõ tem aula dinovu... ele num ta  
viajanu não ta ficanu é ai na istchada...  
tudu dia viaja...

Condu pai foi la ni sa casa oçê num  
tava...amonhõ tem vaicina aqui o  
homu falô...ocês queta mininu ocês  
inda quebra o deitchu...

Professor mõe mondo um-a gurdura  
de coco procê...us mininu ontu tava  
cumenu gurdura de coco cum farinha  
e açuca iscundidu de nha nha condo  
nha nha chegô viu a farinha dela  
derromada nu chão condu vai na lata  
de açuca so tinha um tiquim mas ela  
já brigô mininu...QUEM CUMEU A  
AÇUCA QUI TAVA AQUI? SE IEU SABÊ  
QUEM É OCÊS VAI VÊ CAMBADA DE  
PESPE... O fulanu so pai tava brigonu  
cum quem hoje cedu era coce? Um  
um num era cunheu não...O professor  
ieu queru mim borá já ta na hora ua...  
uuu pegui o livu errado...

Essas conversas espontâneas foram realizadas em sala de aula multisseriada, com crianças e adolescentes, de dez a quinze anos, moradores da Fazenda Coco. Após o professor ter passado as atividades de sala de aula, os alunos se sentiram à vontade e começaram a dialogar entre eles e com o professor. Como já dito anteriormente, o modo de falar dos jovens em comparação à fala dos adultos, não muda muito, apesar de terem frequentado a escola, a convivência com seus familiares é maior do que o tempo em que eles ficam na instituição escolar.

Como a sociolinguística tem o papel de investigar a variação linguística de uma comunidade, ela também contribui para a formação desses jovens. No caso da Fazenda Coco, como já observamos as variações linguísticas, o objetivo agora é retornar o trabalho para comunidade e usá-lo em sala de aula, como conteúdo da Língua Portuguesa, por meio dos professores dessa comunidade que foram formados pela Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, *Campus Planaltina* – DF.

Após observar o modo de falar das crianças e dos jovens, percebemos que há necessidade de trabalhar a sociolinguística na escola da Fazenda Coco, pois os alunos têm o direito de saber que no Brasil existe uma língua que deve ser seguida por todos, e que eles não precisam desvalorizar suas linguagens, mas é preciso saber usar os dois modos de falar no momento adequado. Isto é, desenvolver a competência comunicativa do falantes, no que diz respeito a compreender e saber usar as possibilidades da língua.

Nas falas dos adolescents, sob a análise da variação fonético-fonológica, verificam-se, no exemplo, “ieu võ *cumeissa*” e “*açuca*”, a redução de /r/ no final da palavra e a adição da semivogal /y/ no meio e no início da palavra, assim como nas seguintes palavras: *inxaignano*, *vaicina*, *poico* e *poica*, *ieu*. Outra mudança no som da palavra é o uso da vogal alta /i/ no lugar da vogal media /e/, exemplos: *iscutanu*, *iscundido*, *minino*. E também, há a incidência da supressão do som oclusiva /d/, reduzindo a sílabas da palavra. Em vez de pronunciar a sequência VCCVCVCCV, pronuncia VCCVCVCV, vemos aí a predominância da sílaba canônica CV, isto é, a pessoa fala *iscutanu* em vez de *escutando*.



Os moradores da Fazenda Coco também têm o hábito de usar a sílaba CCV, em vez CVC, quando pronunciam palavras que tenham a consoante /r/ entre as sílabas, exemplos: em *porque* e *dormindo*, eles mudam a posição do /r/, e as palavras passaram a ser lidas como *pruque* e *druminu*. Na sala de aula, o professor se monitora não de acordo com a norma “padrão” mais monitorada, mas conforme a linguagem dos alunos, para tornar mais fácil o diálogo em sala de aula. Se o professor usar o modo de falar diferente do modo de falar dos alunos, eles não entendem o linguajar do professor e a aprendizagem seria impossível. Contudo, aos poucos, o professor da escola da Fazenda Coco, trabalhará a variedade escolar.

O professor, se não conhecer a realidade dos alunos, o modo de falar das pessoas da comunidade, o trabalho na sala de aula pode se tornar difícil, daí a vantagem de formar educadores do campo, pessoas que conheçam a realidade dos estudantes, a cultura, a identidade, os saberes e os fazeres dos moradores da comunidade.

Em relação à monitoração estilística, que se dá pela escolha da variedade dos estudantes, isso não significa que o professor não ensinará a variedade de prestígio, do letramento escolar. Entretanto, essa postura é uma metodologia do professor para que haja a interação entre os pares, com o objetivo de alcançar o letramento escolar, que se dá por meio da norma de prestígio. Por mais que a língua esteja em processo de mudança, algumas palavras ainda se mantêm vivas mesmo nos tempos de hoje, com os preconceitos enfrentados pelos falantes da língua dita “não padrão”.

A chuva parô num que chuve...aqueza contage que us povo fazia pode laiga pra la que num ta cum nada mas não... pruque no mês de otubo deu chuva mas ate agora nunca chuveu... hoje já é dizenove o mês já ta cabanu e nada... ieu num to creditanu nessas contage mas ieu creditu e na lua coce vê a lua carregada é logu chove, e ela num troxe nadinha de chuva... mexer cum roça so ta danu trabaio pruque num gonha a chuva num chove. ieu num vô mexê cum roça não trabaia... trabaia e rainja nada. vô pranta so mii e mândioca a mândioca guenta mais... os poçu de água aqui ta chujo chujo presta pra nada...

Ua oçê saiu sedu hoje o horalu já mudô...o eu Deus eu num gostu desse horalu...ta cum muitcha hora cocê chegô? Não chegui indagurinha ne di doge que queu peleju pra bota um-a luvia bronca qui tava la dentu de meu pastu...mas também a ceica num ta prestanu ta tudu nu chão la naquela barroca so cê vê cume qui ta a arome la... ieu já to consado de arruma essa ceica...

O fulano aquele dia que nos foi pá rua a puliça tava fazenu brita prala da cuiva da taquarainda paro nos falanu que num podia carrega gentu la atchas não...cum muita peleja ex dexô nos imbora... es tava bem aimadu...

## EXCERTO 2- FALA DE ADULTOS

Fulano foi drumi no rii mas pego pexe? Hum pegô uns pixim so tinha muruçoca mordenu...é chô mim borá telogu fulanu... telogu ta sedu ispera o aimoçu...meu fii vai acula pega uns pau de lenha qui dexei dibaxu da sicupira na bera da istchada ...ii momôe ta longe dimais momôe laigo de tchaze depois ieu busco...

Em uma das conversas, o assunto tratado é o problema enfrentado por todos os moradores da Fazenda Coco, que é a falta de água no período de junho a novembro, tempo em que a chuva cessa. Os córregos são pequenos e acabam secando, e a distância das casas dos habitantes até o rio, onde se encontra água, é muito longe, é de aproximadamente de 4 a 5 quilômetros. No momento em que as pessoas falam que os poços estão sujos, é pelo motivo que, às vezes, alguns lugares nos córregos demoram secar, daí os animais procuram esses locais para beber água e ficam pisoteando o lugar da água, que vira lama.

Os moradores da Fazenda Coco reclamam também dos órgãos governamentais que não se interessam em ajudar a população com relação à falta de água. Eles sentem falta das chuvas, pois antes chovia muito, e agora não chove mais tanto. Segundo eles, a lua era quem trazia a chuva, quando aparecia em suas fases: minguante, crescente, nova e cheia, e na fase em que a lua estava não tinha trazido chuvas. E que, antigamente, eles faziam as contagens com as fases da lua e dava certo, e hoje não dá mais.

Ao analisar as falas dos adolescentes e dos adultos, percebemos as mesmas ocorrências de substituição de consoante /r/ pela vogal alta /i/. Acontecem os encontros das semivogais do

mesmo jeito, pode até ser palavras diferentes, mas as pronúncias são as mesmas. Exemplos de palavras com semivogais: *laiga* (largar), *ceica* (cerca). Outra semelhança no modo de falar dos adultos com os jovens é o acréscimo de vogal nas palavras. Exemplo: *ieu*, eles acrescentam a vogal no início da palavra *eu*, eliminando o ditongo e construindo um tritongo.

Outro fenômeno linguístico identificado nas falas dos moradores da Fazenda Coco é a troca de uma consoante nasal por uma lateral, nas pronúncias das palavras *luvia* e *lariz*, ao invés de *novilha* e *nariz*, a nasal /n/ é trocada por uma lateral /l/.

Ao analisar as falas dos moradores da Fazenda Coco é possível notar a ocorrência do **rotacismo** nas pronúncias das palavras. Nesse fenômeno, ocorre mudança fonética que consiste na troca do /l/ por /r/ em encontros consonantais, exemplos: *chiclete* / *chicrete*, *planta* / *pranta*.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), a troca de /l/ por /r/ nos grupos consonantais, geralmente, ocorre em falares rurais e até em falares urbanos, dependendo do grau de escolaridade ou seu lugar de origem e do nível de monitoramento linguístico.

Ao observar as falas dos adultos e dos jovens estudantes da Fazenda Coco, verificamos que os mesmos trazem em suas falas a supressão de consoantes no início da palavra: *ocê*, *cê*, todas referem a *você*, fenômeno conhecido pelo nome de **aférese**. Esse fenômeno não é restrito às pessoas do campo, pois muitas pessoas que vivem na cidade também fazem uso dessas formas linguísticas.

Outro fenômeno identificado nas falas dos adultos e dos jovens é o de monotongação, que se refere ao apagamento de semivogal /u/,

ocasionando-se, nesse processo, a redução do ditongo crescente em uma vogal simples, tornando-se um monotongo. Palavras que acontecem o fenômeno: *vô, ôtra*, invés de *vou e outra*.

Nas falas dos jovens e adultos da Fazenda Coco acontecem vários fenômenos, como foram citados anteriormente, mas o que ocorre com mais frequência é a troca das vogais /o/ pela vogal /u/. Palavras que acontecem esse fenômeno: *druminu, condu, cedu, poçu e agreditanu*, acontece aí a supressão é a substituição da vogal no final da palavra.

Nessa breve análise, mostramos fenômenos mais frequentes na fala dos moradores da Fazenda Coco, de criança a adultos. Porém, os próprios excertos mostram como é a variedade do português Kalunga dessa localidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância desta pesquisa para a comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco é apresentar, para as pessoas de fora, a cultura e a identidade de um povo através da língua, no modo de falar. Levar para sala de aula, como conteúdo, o resultado da análise de suas falas e mostrar para esses jovens estudantes que preconceitos com a variedade linguística de comunidades quilombolas são ideias de pessoas que não possuem conhecimento sobre o que é a variação linguística e a heterogeneidade do Português Brasileiro. Por isso, elas condenam o modo de

falar de pessoas nativas dessas comunidades.

Como diz Bagno (2007): “nada na língua é por acaso”. Existem línguas mais monitoradas e menos monitoradas, conforme a norma de prestígio de uma dada sociedade. Mas uma definição certa de que a língua falada só existe uma, até hoje ainda não saiu essa definição. Cada região traz consigo um modo de falar diferente das demais localidades.

Agora, se formos descrever essas variedades de diferentes localidades, a forma da escrita pode neutralizar as variedades da fala, seguindo um padrão de escrita. A língua escrita, obrigatoriamente, tem que seguir uma norma padrão, definida pela gramática. Contudo, como sabemos, conforme o gênero discursivo e o contexto de uso, ainda assim a língua escrita varia também.

A partir das análises das falas, pretendemos explicar para os alunos o que acontecem com a troca de vogais e consoantes /o/ pelo /u/, /d/ por /n/, nas palavras *falanu e andanu; fazer* a análise dessas palavras, encontradas em suas falas, em sala de aula, para que, futuramente, eles saibam identificar, nas suas próprias conversas, as variações linguísticas e entender que fenômeno linguístico acontece com essa determinada variação.

Certamente, depois dessas aulas, esses jovens aprenderão a monitorar suas falas de acordo com o ambiente onde estão dialogando, ou com quem estarão interagindo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Severina Alves de.; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. SOUSA, ROSINEIDE. Magalhães de. SILVA Ângela Maria.; FERREIRA, Renato A. Pesquisa Etnográfica no Contexto Indígena Apinajé. **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 2. 2017. Pp. 156-176. ISSN 2526-4281 Disponível: <https://jnt.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: 06-fev-2020.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007. BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é como se faz*. Editora Loyola 1999.
- BAKHTIN. MIKAEL. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **professor pesquisador**: introdução a pesquisa qualitativa. São Paulo: parábola editorial, 2008. BAUMAN, zygmont. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAZERMÁN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização de HOFFNAGEL, Judith C.; DIONISIO, Angela P. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAZERMÁN, Charles. **Escrita, gênero e interação social**. Organização de HOFFNAGEL, Judith C.; DIONISIO, Angela P. São Paulo: Cortez, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?**: sociolingüística e educação. São Paulo; parábola Editorial, 2005.
- CALDART, Roseli Salet. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro 2012.
- CASTAGNA, Mônica molina e SÁ, Lais Mourão. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro 2011.
- COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press. 2016.
- DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. *Rethinking context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ERICKSON, Frederic. **Qualitative methods in research in teaching and learning**. Vol 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.
- HYMES, Dell. **On communicative competence**. In: PRIDE, J.B. HOLMES, J. Sociolinguistics. London, Penguin, 1972.
- MIRANDA, Denise L.; SILVA, Denise M. Práticas de Letramento Literário: o Leitor e a Obra Literária na Construção do Saber. In: **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 10, 2019. ISSN 2526-4281. Disponível em: <https://jnt.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: 06-fev-2020.
- SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero Mediacional**: (Tese de doutorado). Brasília: UnB, 2006.
- VELLASCO, Ana Maria e SOUSA, Rosineide Magalhães. *Educação e língua materna*. Brasília, UNB, 2007.